

VIDA CONSAGRADA E TEOLOGIA LATINO-AMERICANA

Celebração da CLAR

J. B. Libanio, SJ*

1. Quadro metodológico

1.1. Afé como ponte entre a VC e a teologia – Há relação profunda entre a vida consagrada (VC) e a teologia. Dois níveis de trabalhar a fé. A teologia, na expressão clássica de Santo Anselmo, se define como *fides quaerens intellectum* – a fé que busca inteligência. A teologia carrega o acento na compreensão, no aprofundamento da fé. E subdivide-se em diversas disciplinas que explicitam a fé desde aspectos diversos. A VC, por sua vez, entende-se como uma vida estruturada a partir da experiência fundante de Deus, apreendida à luz da fé, a ser vivida na oração, na vida comunitária e na missão apostólica segundo o carisma próprio do fundador.

Tanto a teologia como a VC vivem a fé pensada, refletida, rezada, vivida na Igreja. Daí a mútua relação entre ambas. A fé cristã se faz a mediação, o lugar de encontro entre ambas ou a ponte que as interliga. Assim a VC, como fé vivida, influencia a teologia, fé pensada, e esta, por sua vez, marca a VC.

.....
*(1932), jesuíta, Licença em Filosofia e Doutorado em Teologia (Frankfurt/Roma). Professor de teologia na Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte. 1º Presidente da Sociedade de Teologia do Brasil, Assessor de Intereclesiais de CEB. Vice-pároco em Vespasiano. Fundador e membro da equipe teológica da CRB durante 11 anos. Membro da Equipe de Seminários da CLAR. Algumas obras: *Teología de la fe*, México, Dabar, 2003; *Saber pensar*, Madrid, San Pablo, 2007; *El arte de formarse*, Salamanca, Sígueme, 2003; *Una fe cristiana y liberadora entre muchas creencias*, Siquem/Dabar, Valencia/México, 2004; *Celebrar. ¿Cómo saborear la celebración eucarística?*, Madrid, San Pablo, 2007; *Os carismas na Igreja do 3º Milênio*, São Paulo, Loyola, 2007; *Em busca de Lucidez*, São Paulo, Loyola, 2008.

1.2. VC se alimenta da teologia – O consagrado vive da fé. A sua vida encontra sentido unicamente na Palavra de Deus. Esta o alcança no interior da grande Tradição eclesial. Como aprofundá-la, captar-lhe o sentido sempre antigo e sempre novo, relido e reinterpretado para o tempo e espaço em que o religioso vive? Ele recorre então à teologia tanto no nível pessoal como congregacional. Os fundadores se banharam da teologia de seu tempo e de dentro dela formularam o próprio carisma que os seguidores se empenham em encarnar em suas vidas.

Quando surgem dúvidas, discussões sobre a interpretação do carisma, o recurso à teologia do tempo da fundação e de hoje se faz iluminador. A teologia permanece fonte da VC. Percebe-se a fragilidade de uma fundação religiosa quando lhe falta teologia e predominam aspectos emocionais, circunstanciais e piedosos sem consistência. Com rapidez, mudam as conjunturas e os religiosos ficam desprovidos de fundamento e entregues a sopros momentâneos ou a rigidez conservadora. Alguns surtos carismáticos superficiais têm atraído consagrados sedentos de uma base espiritual que não encontram na própria congregação. Correm o risco de, em breve tempo, continuar na mesma incerteza ao léu de outros modismos espirituais.

Cabe-lhes a tarefa de arregaçar a manga e nutrir teologicamente de espiritualidade que os alimente, os sustente, os robusteça. Daí a importância de refletir sobre a relação entre teologia e VC.

1.3. A teologia se desenvolve no interior da VC – Todo que pensa, reflete e explicita a fé faz teologia. Tal atividade acontece principalmente naqueles espaços humanos e religiosos que a favorecem. A pastoral, as instâncias de ensino, os centros de pesquisa, as comunidades acadêmicas e religiosas, a solidão silenciosa do quarto de estudiosos da Palavra de Deus propiciam lugar e momento para a produção teológica. E no interior de muitos desses ambientes, o teólogo alimenta-

se de experiências religiosas e de espiritualidades que lhe iluminam o pensar teológico.

Certa vez perguntaram a K. Rahner pela estrutura fundamental de sua teologia. Respondeu que era a espiritualidade inaciana. De fato, a estrutura do discernimento espiritual, o lema *in actione contemplativus* –contemplativo na ação– a estrutura encarnatória da fé lhe marcaram profundamente a teologia. Indo mais longe, na perspectiva da libertação, L. Boff forjou a expressão *contemplativus in liberatione*¹. Por sua vez, a teologia beneditina se alimenta especialmente da liturgia, o *opus divinissimum*, e do binômio *ora et labora* -reza e trabalha- e os dominicanos se especializam *contemplata aliis tradere* -transmitir aos outros o que se contemplou- e assim por diante. As diferentes famílias religiosas nutrem matrizes teológicas e geram teologias específicas no quadro maior da teologia no singular.

Procede afirmar que a VC tem sido matriz teológica. E então vale a pena perguntar se a VC vivida em determinado momento do continente latinoamericano não exerceu influência significativa sobre a teologia? E, por sua vez, a teologia aí produzida não marcou também a VC?

2. Traços fundamentais da VC até a ruptura de Medellín

Para responder as perguntas acima levantadas cabe, num primeiro momento, esboçar, de maneira concisa, traços gerais da VC na América Latina naquilo que ela tem de original. Não consideraremos os aspectos da VC que refletem simplesmente modelos europeus sem originalidade. Na expressão arguta do filósofo Pe. Henrique Vaz, interessam-nos os pontos em que a VC da América Latina deixou de ser reflexo e se tornou fonte de inspiração.²

Caracterizou a VC da América Latina nos aspectos criativos e originais a dupla ruptura produzida pelo Concílio Vaticano II e por sua recepção em Medellín³. A primeira ruptura do Vaticano II repercutiu

entre nós pela tensão entre carisma e instituição. Como até então se frisava e se repisava o lado institucional, aconteceu verdadeira explosão carismática no interior da VC, ao afetar-lhe a vida de oração, a vida comunitária e a missão. O Concílio incentivou a VC à volta ao carisma inicial⁴. A VC nasceu nos inícios do Cristianismo altamente carismática num movimento de ida para o deserto, periferia e fronteira. Com a crescente institucionalização da Igreja, especialmente no segundo milênio e mais fortemente depois de Trento, ela reduziu o espaço do carisma e ampliou o institucional. A ruptura do Vaticano II veio retomar o movimento primeiro do carisma.

Referente à vida espiritual, deslocou-se o acento do cumprimento escrupuloso de uma série de atos de piedade para o aprofundamento da experiência fundante de Deus. A atenção voltou-se para o primado absoluto da Palavra de Deus, para as moções interiores do Espírito, para a incondicionabilidade do amor de Deus que nos interpela a liberdade. O caráter absoluto de Deus e a liberdade humana em face dele relativizaram a ladainha de práticas espirituais que enchiam a vida do religioso/a. Apelou-se para a permanente presença renovadora e criadora do Espírito. A VC se definiu como vida segundo o Espírito e não como cumprimento de ritos religiosos⁵. Ruptura de consequências imprevisíveis.

Respeito à vida comunitária, dois fatores a questionaram. De um lado, as pessoas tomavam consciência cada vez mais de sua autonomia, liberdade, dignidade e não se sujeitavam facilmente a expressões comunitárias infantilizantes e humilhantes. De outro lado, respiravam-se ares de desejos de participação, de partilha, de valorização da afetividade e das relações pessoais que se tornavam impossíveis no seio de grandes comunidades. Atravessou a VC a onda das pequenas comunidades em que o ambiente de convívio afetivo se cultivou com esmero. Valorizava-se mais a qualidade comunitária da convivência que os atos comunitários⁶.

No âmbito da missão, trouxeram-se ao tribunal do carisma da Congregação as obras, ao questionar-lhes seriamente a autenticidade e a coerência evangélica. Em nome do carisma, pedia-se renovação radical da missão da VC. Muitas congregações se tinham transformado em instâncias pastorais de igrejas particulares sem nenhum toque carismático original.

Para além dessa ruptura que afetou, em geral, a VC em muitos países do mundo inteiro, somou-se o impacto de Medellín. Ele afetou significativamente os elementos estruturais da VC na América Latina. Assim a experiência de Deus, a vida comunitária e a missão se interpretaram e se concretizaram no horizonte da opção pelos pobres⁷. Pedra de toque para testar as transformações pelas quais a VC passou⁸.

O pobre entrou como decisivo na experiência de Deus⁹. Não se tratou de intromissão ideológica, mas de dado fundamental da revelação. Deus Pai por primeiro optou pelos pobres. Deus não escolheu nenhum dos grandes impérios para ser seu povo predileto, destinatário da revelação de sua gesta libertadora, mas o povo hebreu. Não o fez por seu número, força ou méritos (Dt 7,7; 8,17; 9,4), mas por amor (Dt 7,8; Os 11,1). E o amor de Deus se mostrou ao pequeno, ao frágil, ao desprezado. Ele se revelou como o grande defensor dos pobres, simbolizados pela viúva, órfão e estrangeiro (Ex 22,21ss; Dt 10,18). O pormenor prescrito de deixar a colheita imperfeita e não voltar para completá-la a fim de que o pobre aproveitasse do que sobrou revela o cuidado de Deus por ele (Dt 24,19).

E Jesus confirmou tal opção, ao fazer-se ele mesmo pobre, vivendo com os pobres e chamando-os bem-aventurados em seu Reino (Mt 5,3). Esse dado revelado revolucionou a VC na América Latina. Não pela novidade bíblica. Assaz conhecida e praticada na Igreja. A novidade veio da nova maneira de entender o pobre no interior do sistema sociopolítico. Já não se responsabiliza a natureza por fazê-lo pobre, mas o sistema dominante. Mais que pobre, trata-se de empobrecidos¹⁰.

Maneira concreta da entrada do pobre na espiritualidade da VC se fez por meio da leitura militante da Escritura. Para tal, contribuiu altamente o método exegético desenvolvido pelo Frei Carlos Mesters¹¹. E a CLAR desenvolveu, com essa metodologia, não sem incompreensões, um programa de leitura da Palavra de Deus para os religiosos: Palavra é vida¹².

Em muitas comunidades religiosas, o toque do pobre se fez presente na liturgia, orações, cânticos e outras práticas espirituais. A centralidade da opção pelos pobres cobriu assim amplos campos da vida espiritual dos religiosos. O pobre se transformou no critério maior e verificador da autenticidade da VC no referente à experiência de Deus. E consequentemente, também da vida comunitária e da missão. Assumiu-se com coragem a espiritualidade do e no conflito, ao descobrir o teologal presente no processo de libertação, ao celebrar-lhe a práxis em momentos de vitória ou fracasso. Realizava-se o projeto espiritual de *in liberatione contemplativus*, a bem-aventurança das perseguições.

Essa novidade afetou também a vida comunitária. O texto inspirador de Medellín soa: “Todos os membros da Igreja são chamados a viver a pobreza evangélica. Mas nem todos da mesma maneira. Há nela diversas vocações que comportam diversos modos de vida e diversas formas de agir. Entre os religiosos, que têm a missão especial de dar testemunho da pobreza, há diferenças segundo os carismas próprios”¹³. Esse texto produziu real deslocamento de lugar social¹⁴. Religiosos/as deixaram bairros burgueses e se transferiram para regiões rurais pobres e periferias urbanas. Aí se puseram a morar e a desenvolver a ação pastoral. Sentia-se então a dupla sensação de ruptura e continuidade. De ruptura com uma VC recente cuja vida comunitária assumira antes um *status* de classe média e de continuidade com a origem de muitas congregações que nasceram em comunidades de extrema pobreza. Exprimia autêntica conversão espiritual por obra da presença junto aos pobres.

Refletiu-se muito sobre a vida inserida dos religiosos/as nos meios populares e pobres¹⁵. Houve comunidades que se deixaram interpenetrar pela presença dos pobres do bairro, assumindo ritmo de vida compatível com tal proximidade. Procedeu-se real descentramento geográfico, social e espiritual da comunidade. A vivência das virtudes assumiu outra configuração, ao se cultivarem a esperança, a alegria, a simplicidade de vida, a resistência no sofrimento, a confiança na Providência, a abertura à missão evangelizadora, a hospitalidade, a coragem profética.

O pobre presidiu também a renovação da VC em sua missão que consistiu em assumir a causa dos pobres, em relação com a causa de Cristo¹⁶. Viu-se a articulação da VC com o projeto social libertador dos pobres como missão fundamental e central¹⁷. Em termos teológicos, falava-se da tensão entre a reserva escatológica própria da VC e a dimensão política. Muitos religiosos/as participaram das lutas populares até ao martírio. Enorme número de consagrados faz parte do martirologio latinoamericano¹⁸.

Não poucos religiosos/as se puseram na caminhada do povo e estiveram na gestação das comunidades eclesiais de base e aí tiveram presença significativa. Romperam destarte a longa aliança histórica entre o catolicismo oficial e o poder dominante, ao afastar-se das classes dominantes e de seus valores. A VC se autocompreendeu e a sua própria missão desde os pobres. O lugar social dos pobres transformou-se para ela em lugar teológico¹⁹. A partir da unidade da história, interpretou salvificamente toda a história humana na perspectiva libertadora²⁰. Exercitou no concreto da missão, o discernimento de que João XXIII chamou de sinais dos tempos²¹. Com isso, as obras de apostolado das congregações foram questionadas seriamente e a atenção se voltou para as CEBs, os círculos bíblicos, as pastorais sociais. Por amor à verdade, cabe dizer que a VC feminina assumiu com maior coragem e coerência tal opção à custa de muita luta e sofrimento.

Em termos de teologia da VC, elaborou-se uma releitura libertadora dos votos, ao reinterpretá-los em perspectiva profética e escatológica com forte alcance sóciopolítico²². Insistia-se, no fundo, que se tratava de um único voto: a consagração total a Deus no sentido de reserva para a missão e de pôr-se a serviço da causa de Deus no mundo. Por mundo, se entendia a totalidade coerente das experiências que fazemos com os homens, com as coisas. Estava em questão a unidade concreta em que os homens de nossa cultura pensam, organizam sua vida. Enfim, entrava em jogo a totalidade da criação: coisas, homens, história. Nele acontecem o seguimento radical de Jesus, a solidariedade e o serviço aos pobres.

O três votos traduzem essa atitude geral de entrega a Deus a serviço de todos os homens no mundo sob três formas específicas. Pela obediência, renuncia-se aos próprios projetos e assume-se o projeto de Deus, discernido na oração, no confronto com a comunidade (superiores) e com a realidade sociopolítica, máxime no interior do conflito opressão dominante e libertação dos pobres. No interior desse discernimento, escolhem-se as mediações práticas de transformação da realidade como expressão do plano de Deus na perspectiva pascal: morte e ressurreição, martírio e vida.

A castidade encarreira-se na linha da realização do amor cristão, feito de desprendimento, universalidade, disponibilidade, renúncia e compromisso com o povo em face do Amor Absoluto. As realidades humanas mediatizam para o religioso esse amor maior em perspectiva samaritana. A solidão do voto de castidade não se traduz em atitude maniqueísta de rejeição do sexo, mas de liberdade solidária com os seres humanos, máxime com os oprimidos.

Pela pobreza renuncia-se ao instinto de posse, ao desejo insaciável de ter e ao modo possessivo exclusivo de relacionar-se com os bens. Significa gesto profético de protesto contra a degradação da natureza pela posse, pelo uso abusivo e destrutivo dos objetos de

consumo e anuncia nova relação com o mundo, visto como sacramento de Deus.

3. Sintonia entre teologia e VC

Em profunda sintonia com esse quadro da VC renovada pelo Concílio Vaticano II e pelas opções de Medellín nasceu na América Latina a Teologia da Libertação (TdL). Sem ela não se entenderia a VC nesse momento e também a VC embalou tal teologia. Relevantes teólogos da libertação pertenciam a congregações religiosas dentro das quais produziram sua teologia em profunda sintonia entre ambas: VC e teologia.

Com a simples finalidade de mostrar tal sintonia, indicaremos alguns poucos elementos fundamentais da teologia da América Latina sob aspecto original de Teologia da Libertação²³. Toda teologia situa-se em determinado contexto. Mas nem toda teologia toma consciência e explicita tal condição situada. A TdL como a VC da América Latina expressaram, com clareza e coragem, traços, naquele momento, altamente contundentes. Voltaram-se para a teologia européia e para a forma de VC vivida na Europa e disseram-lhes que elas não se identificavam sem mais com a teologia ou com a VC, mas encarnavam uma determinada forma de teologia e de VC com todas as riquezas e limites de ser européias. Mais: a TdL e a VC latinoamericana reivindicavam criar uma forma própria, original de teologia e de VC. E para tal, no caso da teologia desenvolveu-se um método peculiar e no da VC interpretou-se, como vimos acima, os três constitutivos da VC -experiência de Deus, vida comunitária e missão- em outra perspectiva, a saber, em vinculação com a opção pela libertação dos pobres.

A TdL caracterizou-se por diversos pontos. Todos eles mantêm relação clara e íntima com a VC latinoamericana. Ambas explicitam a experiência fundante de Deus nos pobres. Pedra angular do sistema teológico e das estruturas da VC. E a prioridade inquestionável da opção pelos pobres decorre de dupla leitura que convergem para a

metodologia da TdL e para a vivência da VC. Assumem da teoria da dependência o conceito de libertação e ampliam-no para o horizonte antropológico, histórico e teológico. À luz dele interpretam existencial e teologicamente a situação de opressão dos pobres, não só como fruto de situações de pobreza de recursos, mas também e principalmente como resultado de relações sociais de injustiça a clamar por justiça, por libertação econômica, política, social, cultural e espiritual.

Uma série de outros fatores criaram o clima de libertação no Continente que propiciou o surgimento da ótica libertadora. Podemos citar no campo político: a intensificação da dominação e opressão com a conseqüente reação de movimentos revolucionários a pipocar por toda América Latina, movimentos populares, o pacto populista, a campanha pelas reformas de base, a mobilização estudantil e o consistente movimento cultural de afirmação dos valores nacionais e latinoamericanos, a pedagogia libertadora de Paulo Freire.

Em termos de Igreja, a virada do Concílio Vaticano II com a Constituição Pastoral *Gaudium et spes* fomentou uma presença da Igreja no mundo conflituoso de hoje. Criou-se, em várias Igrejas e episcopados da América Latina, clima geral de preocupação social. Figuras significativas do episcopado engajaram-se no processo de transformação da situação social do Continente. A atuação das formas de Ação Católica -especialmente as JEC, JOC e JUC-, os ensinamentos sociais de João XXIII e de Paulo VI, o Movimento de Educação de Base, as comunidades eclesiais de base, a experiência paroquial de religiosas em situações conflituosas possibilitaram tanto o surgir da TdL como a VC inserida nos meios populares.

Já antes do Concílio, a teologia passava por profunda renovação. A teologia política de J. B. Metz, a teologia da esperança de J. Moltmann e a teologia da revolução de R. Schaul contribuíram para o nascer da TdL.

O característico da TdL coincide com a perspectiva da VC inserida, embora trabalhem com instrumentos teóricos diferentes. Na TdL e na VC os pobres entram em cinco momentos.

Teologia dos pobres: eles se fazem o ponto de partida do questionamento da própria teologia. Sob certo sentido, eles se constituem o sujeito produtor da teologia, não substituindo o teólogo profissional, nem entrando na academia, mas oferecendo suas reflexões, vivências, existência de pobres como elementos a serem teologizados.

Teologia para os pobres. O destinatário comum de muitas teologias tem sido o próprio teólogo. Na academia produz-se e escreve-se muito para os pares. Com eles se debate. E por isso a teologia assume enorme rigor e cientificidade para suportar o olhar crítico dos colegas do ramo e de outros do mesmo mundo acadêmico. A teologia para os pobres renuncia não ao rigor de pensar a fé, mas à moldura científica própria da academia, para dirigir-se aos que principalmente se envolvem com o mundo dos pobres e sob alguma forma ela se torna acessível a eles enquanto possível. Há toda uma produção da TdL para as bases.

Teologia junto aos pobres. Supõe que o teólogo se vincule com o mundo dos pobres, quer por meio de inserção permanente em seu meio, quer por presença intermitente ou, pelo menos, pela opção por eles.

Teologia pelos pobres. Ponto polêmico. A própria teologia, no que Cl. Boff chama de mediação hermenêutica, a saber, a maneira de entender a revelação, o projeto salvador de Deus, a pessoa de Jesus e sua práxis, a grande Tradição da fé, é afetada pela realidade dos pobres. Alguns teólogos avançam a posição de que Jesus Cristo, ao fazer-se pobre, viver entre eles e como eles, ofereceu a “chave dos pobres” para entendê-lo e por conseguinte como critério hermenêutico teológico²⁴.

Teologia motivada pelos pobres. Grau maior de interioridade do pobre na vida do teólogo. Alcança-lhe a motivação. Ele não pensa no destinatário de maneira meramente funcional. Mas se apaixona pelo pobre que o move a pensar e a fazer teologia. Ultrapassa o nível meramente epistemológico para entrar na afetividade que aciona a inteligência.

Não foi isso também que a VC inserida descobriu? Ela se pensa a partir dos pobres. Ela se faz em compromisso com os pobres. Procura estar ao lado dos pobres. E se deixa reconfigurar-se pela influência dos pobres. E por fim, a VC se deixa motivar pelo pobre na entrega a Deus. Ousaria dizer que primeiro está o amor ao pobre que o leva a Deus. Caminho de baixo. Bem próximo de João: “quem não ama seu irmão a quem vê não pode amar a Deus a quem não vê” (1Jo 4,20). Primeiro está o pobre que se vê e ao amá-lo alcançamos a Deus que não vemos. Critério de verificação e também de motivação. Existe, portanto, profunda sintonia entre esse aspecto estritamente metodológico da TdL e a intuição inovadora da VC.

4. Momento conjuntural da VC e da teologia

Os traços salientados da VC e da TdL não representam a totalidade da América Latina nas congregações, nem no conjunto dos religiosos, nem na produção teológica. Talvez seja uma minoria. No entanto, apontam para o original e profético vivido pelos religiosos e teólogos, não sem tensões no interior das congregações e com certas autoridades eclesiais locais e romanas.

Vários fatores sociopolíticos e eclesiais batalharam para que tal modelo de VC e de teologia em sequência à dupla ruptura do Concílio Vaticano II e Medellín se arrefecesse nas últimas décadas.

Toda novidade esbarra com o peso de instituições já longevas. E esse termina por frear as novidades com ou sem razão. Não faltaram

desgastes inúteis por conta de sofridas polêmicas, por avanços desmedidos seguidos de reações da instituição.

Dois fatos caracterizam o momento conjuntural respeito à relação entre a VC e a teologia. Um diz respeito diretamente à VC e outro à teologia. Que aconteceu com ambas no momento atual?

4.1. A VC afasta-se da linha social – A VC se afasta da teologia da América Latina e do universo da libertação. Instaure-se na Igreja, lentamente, com os inícios já no final da década de 60, processo neoconservador cuja característica principal consiste no reforço do institucional nos três centros: Roma, diocese e paróquia. As outras instituições, movimentos, surtos carismáticos, no nosso caso, a VC deviam conformar-se às orientações advindas de tais centros. Naturalmente detinha a hegemonia o pólo romano enquanto os outros centros reproduziam em miniatura e reforçavam a linha oficial.

As orientações não se opunham ao ponto central da opção pelos pobres, cuja evangelicidade goza de enorme evidência, mas à maneira como era entendida na América Latina. As instâncias oficiais temiam pela secularização da VC, pela perda da dimensão espiritual, pela conflituosidade gerada no interior das comunidades religiosas e eclesiais. Aludiam diretamente à influência marxista na análise da realidade e na prática daí decorrente. A influência dos pobres sobre a configuração e conformação da VC parecia-lhes exagerada e indevida, não se respeitando a universalidade e originalidade da VC.

Como muitas congregações trabalhavam grandemente em obras destinadas a público burguês, a opção radical pelos pobres as punha em cheque, provocando conflitos no interior das comunidades e congregações. Além disso, temia-se o abandono da classe média por parte da Igreja, em detrimento da vocação universal do Cristianismo.

Para muitos religiosos engajados na luta social, as contínuas derrotas das classes populares, o relativo fracasso da revolução sandinista, a

queda do regime socialista dos países do Leste europeu, o triunfo solitário do neoliberalismo produziram forte crise da utopia libertadora, desânimo e desesperança. No momento em que deveria surgir nova geração para prosseguir o processo de VC inserida, inundou a Igreja e a VC o tsunami carismático. E então não vieram forças jovens para prosseguir a experiência anterior. E os/as pioneiras envelheceram ou morreram. Isso está a valer da geração de bispos, sacerdotes, teólogos, religiosos/as. Um teólogo europeu já maduro, referindo-se a essa geração profética em comparação com a nova, fala de “descafeinização”. O impulso profético cedeu lugar à acomodação generalizada. Os sinais de tal fenômeno se multiplicam. Por razão de brevidade, reduzir-me-ei a um aspecto fundamental da atual conjuntura da Igreja e da VC com algumas conseqüências. Trata-se da substituição crescente de uma Igreja e VC, centradas na opção social pelos pobres num mundo injusto pela preocupação com o desgaste interno da Igreja e da VC por força de tal confronto. Volta-se então para reforçar a identidade de ambas com acento na visibilidade.

Uma VC com imensa liberdade criativa em meios populares cedeu espaço para crescente ritualização religiosa e comunitária. Antes se descuidava o exterior em benefício da inserção no meio do povo, hoje se cultiva o modo de vestir, de tratar o corpo, de apresentar-se, de acontecer no mundo midiático. Reinam o marketing, o visual, a exibição de si mesmo, o mundo da beleza, da jovialidade, da dinamicidade. O filósofo francês Gabriel Marcel e muito depois Paulo VI bateram na tecla da substituição do ser pelo ter. Hoje tal fenômeno assumiu forma diferente. Prevaecem sobre o ser o aparecer, o ostentar. O ter se põe a serviço da aparência. Respeito à VC, vale talvez o que o sociólogo R. Benedetti afirmou do clero jovem: “o que chama a atenção [...] é o gosto dos padres novos pelos sinais distintivos de sua condição -festas, vestes, poderes-, ausência de inquietação com relação ao destino da sociedade (e da Igreja), pouco amor (nenhum) aos estudos, nenhuma paixão ecumênica, pela justiça social. Presbíteros mais preocupados com seu caráter e poder sagrados do que com uma

presença significativa no mundo, com o diálogo com a sociedade, com serviço competente ao homem de hoje”²⁵.

Diversos fatores originaram tal conduta. Sociólogos e psicólogos arriscam a interpretação de que a geração da exterioridade sofre de dilaceramento interno. De um lado, muitos antes de abraçar a VC ou de entrar no seminário padeciam de baixa estima de si por causa da situação de pobreza da família, de nível cultural deficiente, de descuido na infância e de outras causas. Vestem-se ao entrar na VC, não simplesmente do hábito, mas do reconhecimento social que este lhes traz. Já que não receberam valorização pelo que são, carregam-se de exterioridades para que doravante outros o façam pelo que mostram. Impressiona a volta dos símbolos religiosos no corpo das pessoas até tatuagens aberrantes.

Já aludi à vaga espraiente da carismatização da Igreja e da VC. Ousaria ir mais longe ao ver nela um fenômeno cultural a afetar todas as esferas da sociedade e não somente o universo religioso²⁶. Deixemos de lado tal consideração, para restringir-nos ao tema restrito da VC e da teologia.

Carisma e libertação, em princípio, não se contradizem. Se a fonte última do carisma remonta ao Espírito Santo e a libertação se julga mediação histórica desse mesmo Espírito, a contradição não procede. No entanto, as formas históricas que ambas as correntes assumiram mostram, no mínimo, certa tensão. Olhos críticos julgam perceber na carismatização uma aliada da globalização neoliberal e da pós-modernidade fragmentada, ao desviar a mirada do campo social para o mundo privado das emoções.

Ao carismatizar-se em extremo, a VC se afasta da fonte nutriente da TdL. Intriga o fato de que o fenômeno carismático, por natureza crítico à instituição, se tenha adaptado bem ao processo neoconservador, centralizador e reforçador do poder institucional. A dúvida surge de que tipo de vinculação se processa entre ambos: em profun-

didade ou de cunho estratégico? Nesse último caso, preveem-se para amanhã tensões. Além disso, a onda carismática está a levar de roldão as identidades frágeis de congregações pouco atentas ao próprio carisma, produzindo nivelção por meio de práticas, símbolos, ritos, devoções, celebrações.

Ao afastar-se da TdL, a VC fragilizou-se na motivação e o clima carismático tenta revigorá-la, ao apelar para o lado emocional, afetivo, festivo e consolador. Tal corresponde bem ao momento pós-moderno. Semelhantemente a tal movimento da VC, estão transformações na TdL.

4.2. A TdL perde presença exterior – A TdL perde hegemonia no mundo eclesial. Pesaram razões sociopolíticas e culturais, tais como a queda do socialismo no Leste europeu, a vitória de Pirro do neoliberalismo, o triunfo do traço hedonista, consumista, materialista da cultura pós-moderna, o impacto da mídia burguesa esterilizadora de toda semente libertária. Já acenamos para tais fatos. Aqui eles funcionam como deslegitimadores da TdL enquanto esta levantava barricadas atrás da utopia socialista e do compromisso popular de libertação.

E, em termos de Igreja, além das reticências oficiais da Congregação para a Doutrina da Fé²⁷ e declarações esporádicas da hierarquia episcopal, lançou-se na América Latina amplo projeto de Nova Evangelização. Os inícios remontam a declarações de João Paulo II em reunião do CELAM no Haiti a 9 de março de 1982²⁸. Em torno da proposta da Nova Evangelização travou-se conflito de interpretação. A TdL encontrou em Medellín suportes para encarreirá-la na linha libertadora. Mas predominou uma Nova Evangelização na perspectiva doutrinal, apoiada especialmente pelo enorme potencial da mediática carismática de viés conservador. A TdL cedeu espaço na grande publicidade para a tendência espiritualista carismática e de ensinamento de verdades.

O termo evangelização veio substituir o de libertação. Embora a palavra evangelização tenha belíssima origem etimológica e aluda ao mandato de Jesus de levar a Boa Nova ao mundo todo, entrou no contexto em tensão com a libertação para espiritualizá-la com o temor de que ela se restringisse unicamente ao campo sociopolítico.

Ao acrescentar-lhe o adjetivo “nova” se quis afastar toda pecha contra a antiga evangelização pela via da imposição e dar-lhe cunho de atualidade. No entanto, o aspecto de atualização se restringiu antes aos meios usados, ao recorrer à grande midiática, e menos ao conteúdo adequado à situação de dominação do Continente latinoamericano. Pelo contrário, pensou-se numa evangelização comandada por centros europeus e americanos de alta tecnologia para difundir pela América Latina mensagens de viés doutrinal, magisterial e carismático universal. E com isso se afastava da linha libertadora²⁹.

Em face desse movimento neoconservador da VC e da teologia latinoamericana, vislumbram-se luzes de esperança? Ou caminharemos para noite cada vez mais escura no interior de uma pós-modernidade alheia à perspectiva social?

5. Sinais de esperança na VC e na teologia latinoamericana

A cultura pós-moderna por obra da fragmentação permite espaços criativos. Desconfia de toda imposição de sistemas. Assim o pensamento único neoliberal provoca profunda desconfiança e reações inovadoras. Surgiu em Porto Alegre, em 2001, o Fórum Social Mundial. Ele rompe a noite escura neoliberal, ao lançar o grito: “Um outro mundo é possível” contra precisamente a tese da inexorabilidade do sistema capitalista depois da queda do socialismo. Aí se reuniram movimentos sociais de diversos continentes com a finalidade de pensar, elaborar, programar e atualizar alternativas para a transformação social global. Se nasceu, em parte, como contraposição ao Encontro dos poderosos

e senhores do mundo econômico em Davos, hoje já tem autonomia e cria caminhos novos. Enquanto espaço aberto e democrático em atitude crítica ao sistema neoliberal e ao domínio do grande capital e a toda forma de imperialismo simboliza o novo no mundo econômico, político e cultural no espírito de uma sociedade planetária.

A história nos ensina que a Igreja e a VC aprendem da sociedade e reproduzem no seu interior, de maneira original e própria, esquemas lá vigentes. Imaginemos então que tal espírito alcance a Igreja católica e a VC e germine nelas. A Igreja católica conhece Concílio Ecumênico composto primordialmente de bispos. Que seria um Fórum Mundial da Igreja Católica? Que seria um Fórum Mundial da VC? Ficam perguntas cujas respostas escapam, no momento, até mesmo de nossa fantasia. Há sinais de esperança nessa direção à medida que na Igreja e na VC estão a surgir movimentos da base articulados. No Brasil, conhecemos os Encontros Intereclesiais de CEB. Congregações religiosas promovem simpósios, encontros continentais não só de superiores, mas também de jovens religiosos. Os jesuítas e colaboradores celebraram em Belém, dias antes do FSM, um pré-fórum social de vários continentes.

A Teologia da Libertação já organizou Fóruns mundiais. Ele se define como um espaço de encontro para reflexão teológica tendo em vista contribuir para a construção de uma rede mundial de teologias contextuais marcadas por perspectivas de libertação, paz e justiça. Está aberto a delegações que representam programa, projeto, grupo, movimento ou entidade à qual estejam vinculadas, ou a pessoas individuais. As perspectivas, embora amplas, refletem traços comuns: Libertação e opção pelos pobres, gênero, ecologia, ecumenismo e contextualidade, compromissos inter-religiosos, metodologia histórica e interdisciplinar. No espírito do FSM, esse fórum mundial da TdL se afirma como espaço ecumênico, dialogal, plural e diversificado. Tradução teológica do democrático. O viés libertador herda as referências das diversas TdLs. Opõe-se a visões totalitárias, exclusivistas e reducionistas do ser humano, do fenômeno religioso, das tradições religiosas e de representações

do Transcendente. Abraça público amplo, envolvido na produção da teologia, das ciências da religião, em práticas de justiça e paz. Abre-se aí um espaço de liberdade de expressão, de troca de experiências e de reflexões em espírito de diálogo.

A TdL tem recebido a partir de tais fóruns, sendo o terceiro realizado em Belém em 2009, novo alento e enriquecimento com a abertura do diálogo. Por mais um lado, fica para a VC uma provocação a fim de que se pensem tais fóruns também para VC e não simples reunião de superiores maiores na UISG e USG e que vão além das iniciativas já existentes, como mencionamos acima.

Desde o início, como vimos, tanto a TdL como a VC inserida puseram no centro a opção pelos pobres. Seguimos um pouco as vicissitudes dessa opção. Eis-nos agora metidos no mundo neoliberal em gigantesca crise financeira cujo alcance ainda nos escapa. Se na ruptura de Medellín da década de 60 nos assustara a terrível opressão sobre as classes populares, hoje no coração do neoliberalismo a percepção se modificou. Maquiou-se a pobreza, escondeu-se o pobre, ao confiná-lo cada vez mais nas periferias das cidades enquanto as classes ricas estão a construir condomínios de luxo fechados e protegidos. A pobreza tornou-se invisível pela distância física e dos olhos. Até na aparência física, nas grandes cidades, a pobreza se esconde atrás de celulares em mãos de pobres, de roupa manufaturadas de aparência melhor, de usos impostos pela mídia globalizante. Não se vêem, porém, na aparência das pessoas os estômagos vazios ou mal alimentados, nem a precariedade das moradias.

Ao mergulhar fundo na sociedade, percebemos que a exclusão aumenta a opressão com maior crueldade. Numa sociedade cada vez mais regida pelo conhecimento, a discriminação e a distância entre o saber e não saber crescem.

Que caminhos encontrar para encurtar as distâncias e refugar toda discriminação social, racial, de moradia, de *status*? Já não bastam atos

solidários esporádicos. Impõe-se criar a cultura da solidariedade. A VC dispõe de manancial espiritual para tal. Pertence praticamente a todos os carismas da VC o espírito solidário com os segregados da sociedade na lúdimia tradição jesuana. A TdL trabalha à luz da ação de Deus na história, da prática de Jesus e da longa tradição da Igreja o caráter imprescindível da solidariedade na fé cristã. E quando a VC e a TdL querem dialogar com os parceiros seculares, alheios à fé cristã, cabe-lhes mostrar a afinidade entre a ética da solidariedade e o espírito cristão evangélico.

A VC e a teologia encontram-se igualmente em face do enorme desafio da inculturação. Podem ajudar-se mutuamente. O continente asiático significa o cadinho privilegiado para tal processo. Teologia, espiritualidade, liturgia alimentam em profundidade a VC. Quando elas se inculturam, a VC recebe estímulo para fazê-lo desde a profundidade espiritual até sinais externos. Quando se enceta tal caminho de inculturação, conhece-se o começo, mas não se sabe aonde ele nos conduz. Supõe coragem e ousadia por parte de religiosos aventurarem no caminho da inculturação em contacto com a teologia da inculturação e do diálogo inter-religioso³⁰. A TdL tem abraçado com destemor tal caminho na América Latina com o olhar voltado para a cultura indígena e negra em contacto com a África e a Ásia que se envolvem semelhantemente com tais questões vitais. Tanto mais difícil quanto a teologia e a VC vivem sob a hegemonia ocidental e, sob alguns aspectos, romana. Se pensamos em desafios, aí se encontra um dos maiores.

A solução fácil até hoje dominante tem consistido em ocidentalizar e romanizar os religiosos de culturas não ocidentais ou marcados por influências religiosas não cristãs, como em muitos que vivem na Ásia ou são afrodescendentes ou de origem indígena. O jesuíta M. Amaladoss não temeu afirmar: “Cheguei a reconhecer-me como um cristão hindu”³¹. E ele o conseguiu através de longo itinerário, já que a formação religiosa clássica não lho propiciara. E fica para a VC tal desafio,

sobretudo quando em muitas congregações a maioria das vocações vêm de mundo cultural diferente do ocidental romano.

Sinal de esperança e provocação à TdL e à VC vem da questão de gênero. Inegáveis progressos se fizeram em ambas com relação à presença pensante e atuante da mulher. No entanto, como disse o anjo a Elias, “*ainda tens um longo caminho a percorrer*” (1Re 19,7). Parafraseando a cena para as mulheres, soa a ordem dada pelo anjo: “Levantai-vos e comei o pão assado da liberdade, da autonomia, da consciência da singularidade e dignidade femininas”. A TdL feminista o tem feito com galhardia e coragem, não sem problemas. Cabe às religiosas em diálogo com essa teologia reinterpretar criativamente a VC, que, em não poucos casos, foram fundadas por homens ou sobre regras e carismas masculinos.

Emerge o gravíssimo problema da ecologia a desafiar duplamente a VC e a teologia. Deixarei os aspectos da ecologia enquanto simples preservação do ambiente para ir mais fundo em cada um de nós a fim de atingirmos a atitude fundamental diante da natureza, da vida e das pessoas. A ecologia se resolve, em última análise, nesse nível.

Mais: partamos da concepção antropológica de que tanto o homem como a mulher possuem uma dimensão masculina e feminina, naturalmente não na mesma proporção. A ecologia está a pedir de todos cuidado em relação a tudo com que nos relacionamos. O cuidado pertence, sobretudo à dimensão feminina. Por isso, as mulheres mostram-se mais dotadas de tal qualidade, embora caiba ao homem também cultivá-la.

Mais uma vez a VC e a teologia se encontram. Desafia a VC, sobretudo feminina, assumir corajosamente a causa ecológica, transferindo para as relações com a natureza em sua amplitude a sua característica própria do cuidado e assim interpelar a teologia para que desenvolva com os recursos da revelação tal dimensão. Tanto mais importante quanto numa leitura superficial do relato da criação e do depois do di-

lúvio aparece a idéia do absoluto e despótico domínio do homem sobre a natureza (Gn 1,28-30; 9,2s). E a interpretação literal dessas passagens gerou a mentalidade exploradora e depredadora do homem. Uma leitura feminina da criação com atenção especial à dimensão de cuidado, que se cultiva na VC, desperta-nos para a outra face dos relatos bíblicos. O repouso do sábado do relato da criação e o arco-íris da aliança depois do dilúvio apontam para o lado da contemplação, da gratuidade, do cuidado com o mundo criado. A mulher sintoniza melhor com a festa e com a aliança de vida. Essa dupla dimensão da VC e da teologia vem ao encontro da atual exigência de mentalidade e espiritualidade ecológicas.

Cresce a presença laical na teologia. Vários fatores conspiram para tal fenômeno. A Constituição pastoral *Gaudium et spes* criou uma mentalidade geral de que a teologia enquanto reflexão sobre a fé não se encerra unicamente no recinto do sagrado, da Igreja, da religião, mas espraia-se para as realidades terrestres. E o mundo se apresenta como lugar privilegiado do agir do leigo. E, portanto a teologia em relação ao mundo casa bem com a posição do leigo. Além disso, a escassez vocacional tem ocupado o clero e os religiosos em muitos afazeres urgentes que os impedem de aprofundar a teologia. A cultura profana tem radicalizado as críticas à fé de tal modo que o cristão médio sem formação mais apurada não resiste. Daí ele sentir necessidade de aprofundar as próprias posições de fé. E ultimamente a entrada da teologia para o consórcio das disciplinas regidas pelas instituições seculares do Estado tem atraído leigos para seu estudo.

A VC participa bastante da vida laical enquanto as religiosas e muitos religiosos não fazem parte do ministério ordenado da Igreja. O fato de serem consagrados, em vez de afastá-los do mundo laical, aproxima-os à medida que a santidade deixa de ser monopólio deles e sim dimensão de todo o povo de Deus, como a *Lumen gentium* afirmou no capítulo quinto.

A VC, além de ser leiga no sentido de não estar vinculada ao ministério ordenado, cresce na consciência da importância e necessidade de trabalhar com leigos não consagrados na vivência do carisma, em certo grau de partilha da vida comunitária e especialmente na missão. Espaço enorme de criatividade para a VC. Há temores e dificuldades a serem superadas. Nada se fará se não houver tentativas, experiências avaliadas para descobrir o novo caminho da presença de não consagrados na VC. Pululam movimentos religiosos no seio da Igreja em que vivem, em diferentes níveis de pertença, sacerdotes, leigos consagrados, casais, jovens com desejo de vida celibatária ou de vida conjugal. Há algo novo nessas fundações que a VC necessita pensar e confrontar-se.

Já aludimos em vários momentos à pós-modernidade. Na sua ambigüidade congênita, ela provoca crise na TdL e na VC no duplo sentido de dúvida e de crescimento. Em termos teóricos, a relativização de tudo tem conduzido ao relativismo de toda verdade. E a teologia com a pretensão de tocar a fímbria do Absoluto na acolhida da revelação se vê altamente posta em questão. E a VC sofre também a perda da gravidade e solenidade dos votos perpétuos, já que os compromissos são percebidos cada vez mais na provisoriedade. Há o outro lado. E aí estão as chances. Ao relativizar muitos absolutos, a pós-modernidade livrou a teologia de carcaças pesadas e com a leveza da liberdade tem condições de apontar de maneira dialética a presença do Absoluto nas realidades relativas da história. Rompe com as fórmulas absolutas. Ao relativizá-las, libera o verdadeiro absoluto de Deus que se encarna em nova forma transitória. E no caso da VC, a crescente provisoriedade dos compromissos livrou muita gente de pesos insuportáveis para que a VC seja então levada na liberdade gratuita e autêntica. E mesmo os compromissos provisórios se experimentam como momentos de graça num arco maior de vida e não como ruptura e infidelidade. Cabe, portanto, leitura esperançosa da fragilidade dos laços definitivos e não simplesmente negativa. Está a pedir ainda uma reordenação mais profunda da VC³².

A exterioridade na pós-modernidade ameaça afogar as interioridades. O exterior entra pelos cinco sentidos. Assaltam-nos sons por todos os lados. Cultura do barulho. Especialmente os jovens se colam a Ipodes, a auriculares a segregar música o tempo todo, a celulares em contínuas conversas em voz alta derramando em praça pública intimidades do afeto. Os olhos se perdem na rapidez das imagens, das notícias, das propagandas, das manchetes, das revistas escandalosas, dos apelos eróticos. Exterioridade vazia. O tato se farta de toques, desde os movimentos ritmados das academias até os agarramentos da paixão. O gosto se empanturra de sandwiches mcdonaldianos ou de provocações da cocacola ou de voos etílicos. O olfato se requinta pela indústria de perfumarias. Enfim os sentidos nadam durante o dia em mar de solicitações. Que tem a ver isso com a teologia e a VC?

Sim. Tem a ver. De tais provocações emergem desejos de contemplação, de silêncio, de lugares ermos e calmos, de reflexões profundas, de literatura poética e carregada de humanidade. Nesse reverso, a VC e a teologia frutificam e não na tentativa de acomodação ao mundo da exterioridade. Ambas arriscam confundir a necessidade de falar ao próprio tempo e a convivência com ele sem juízo crítico. A VC e teologia existem para as pessoas de hoje. A linguagem usada carece ser entendida, a realidade percebida e analisada. Depois vem o juízo que ora acata o valor existente ora critica o desvalor. Aí age a dimensão profética de ambas.

A VC e a teologia têm condição de conduzir o cristão a aprofundar a experiência espiritual de Deus que subjaz e dá sentido a todo rito exterior em vez de prender-se em sua pura exterioridade. Experimentar a Deus significa prestar atenção ao Deus presente em todas as realidades. O axioma inaciano soa: “buscar a Deus em todas as coisas”. E ao encontrá-lo, imergir na sua presença pela fé, esperança e caridade. No fundo, encontramos a nossa própria profundidade e nela Deus. Santo Agostinho já o formulara genialmente ao falar de Deus como *interior intimo meo, superior summo meo* - “superior ao que há em mim de mais elevado e mais íntimo do que a minha própria intimidade”.

Ai se convive com o mistério. A liturgia constitui o lugar privilegiado da síntese entre o exterior e interior. Ela carrega-se de símbolos. Eles existem para os sentidos. Mas apontam para uma realidade que os ultrapassa. Vemos pão e vinho, acolhemos a entrega de Cristo; vemos água e alegramo-nos com a nova criatura a entrar na comunidade; vemos óleo e cremos na força do Senhor junto ao enfermo.

A teologia e a VC se movem no mundo do símbolo. Perdem-se quando se fixam no sinal e não chegam ao símbolo que sempre aponta para mistério maior do que o indicado por ele. Fica-nos o alerta de liberdade diante dos sinais e de acatamento dos símbolos. Os sinais indicam algo rígido. O semáforo disciplina o tráfego. Os símbolos remetem-nos ao mistério. A VC confunde, não raro, os símbolos religiosos com sinais obrigatórios em vez de encará-los como símbolos de realidades maiores. E valem, portanto, só e na medida em que nos despertam para o mistério.

A teologia e a VC sofreram de endogamia ao pensar demasiadamente sobre a própria vida. Teólogos a escrever para teólogos. Religiosos a criarem jargões acessíveis somente aos próprios membros. A pós-modernidade trouxe novo desafio. A midiática moderna oferece chances positivas e maravilhosas para a teologia e a VC alcançarem pessoas e rincões que não atingem pela presença física. Vale aqui o grito de Aparecida de que todo católico depois do encontro pessoal com Cristo, convertido e posto no seguimento, desperta-se para a missão. O zelo missionário animou a VC ativa em todos os tempos. No entanto, tem sofrido, ultimamente, por influência intimista e carismática de certo refluxo para dentro. A teologia também se vestiu de academicismo hermético. A pós-modernidade as provoca para lançarem-se no grande público a fim de anunciar aí a Boa Nova por meio do discurso escrito, da palavra falada, do testemunho de vida e de práticas de alcance social.

O lado fluido da pós-modernidade estimula a VC e a teologia. Carrega o tom no prazer, na experiência subjetiva e emocional. A VC e a teo-

logia respondem, a seu modo, a esse traço de subjetividade, ao valorizar a experiência gozosa do Espírito e ao mostrar o lado fascinante do pensar a fé. O estímulo ao “renascer pelo batismo no Espírito” concentra a atenção em experiências carismáticas. Propicia retomar a dimensão mística da fé que exerce a função de resgatar o lado positivo das vivências carismáticas e também de instaurar-lhes crítica criativa, ao exigir-lhes profundidade espiritual além de simples enleios emocionais.

A beleza ocupa lugar de realce nesses tempos pós-modernos. Eles abrem chances para a VC e a teologia, desde que estas valorizem a beleza e a testemunhem na vida³³. Ambas carecem de saborear as belezas da vida, de sentir-se tocadas por elas. Os seus aspectos espinhentos necessitam de poda para que fiquem somente os ramos lisos e floridos. Simultaneamente há um lado de disciplina, de seriedade, de peso interior da VC e da teologia que cumprem papel criticoprofético em relação à pós-modernidade.

6. Conclusão

O caminho da reflexão sobre a relação entre a VC e a TdL pode prolongar-se indefinidamente. À guisa de provocação, fica essa percepção da íntima relação entre ambas. Assim o destino da VC depois do Concílio Vaticano II e de Medellín se traçou bem próximo do que afetou a TdL tanto no momento de viço como nas vicissitudes que ambas sofreram nas últimas décadas.

A pós-modernidade, na sua ambiguidade, está a pôr-lhes não só empecilhos para o futuro, mas também a abrir-lhes novas chances. A esperança soa como última palavra. Não há situação em que o Espírito de Deus se ausente. Cabe-nos, sim, perceber-lhe os toques a estimular-nos a avançar malgrado toda adversidade. O novo do Espírito desponta a cada momento aos olhos argutos da fé.

.....
¹ Boff, L., “*Contemplativus in liberation*”, em *Convergência* 13, 1980, p. 564-572.

² Vaz, H., “*Igreja-reflexo vs Igreja-fonte*”, em *Cadernos Brasileiros* 46, 1968, p. 17-22.

- ³ Tema que preocupou a VC na década de 70. Veja meu livro: *As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais. Sua incidência sobre a Vida Religiosa*, Petrópolis/Rio, Vozes/CRB, 1980.
- ⁴ Decreto Perfectae caritatis, n. 2.
- ⁵ CLAR, *Vida segundo o Espírito nas Comunidades Religiosas da América Latina*, Rio, CRB, 1974; Boff, L., *Vida segundo o espírito*, Petrópolis, Vozes, 1981.
- ⁶ Boff, Cl., “Comunidades autogovernadas. Autoridade e obediência nas pequenas comunidades”, em *Convergência* 18, 1983, n. 159, p. 38-45.
- ⁷ Boff, Cl. – Pixley, J., *Opção pelos pobres*, Petrópolis, Vozes, 1986.
- ⁸ Boff, Cl., “Os pobres são nossos mestres. A reeducação do religioso pelo povo”, em *Vários: Formação para a vida religiosa hoje*, Rio, CRB, 1982, p. 11-45; Libanio, J. B., “Os pobres nossos mestres e juízes”, in *Grande Sinal* 36, 1982, p. 547-564.
- ⁹ Sobrino, J., “La experiencia de Dios en la Iglesia de los pobres”, em *Resurrección de la verdadera Iglesia. Los pobres, lugar teológico de la eclesiología*, Santander, Sal Terrae, 1981, p. 143-176.
- ¹⁰ Gutiérrez, G., “Pobres y opción fundamenta”, em Ellacuría, I. – Sobrino, J. (org.), *Mysterium Liberationis. Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*, I, Madrid, Trotta, 1990, p. 303-321; Gutiérrez, G., *Onde dormirão os pobres?*, S. Paulo, Paulus, 1998.
- ¹¹ Mesters, C., *Por trás das palavras*, Petrópolis, Vozes, 1980; id. *Flor sem defesa*, Petrópolis, Vozes, 1983.
- ¹² Esse projeto teve problemas de interpretação. Mereceu longo artigo explicativo de Mesters, C., “O Projeto ‘Palavra-Vida’ e a leitura fiel da Bíblia de acordo com a Tradição e o Magistério da Igreja”, em *REB* 49, 1989, p. 661-673.
- ¹³ CELAM, *Conclusões de Medellín. A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*, Documento 14. Pobreza da Igreja, n. 6, Petrópolis, Vozes, 1969, p. 140.
- ¹⁴ Boff, L., *Do lugar do pobre*, Petrópolis, Vozes, 1984.
- ¹⁵ Palácio. C., *Vida religiosa inserida nos meios populares*, Rio, CRB, 1980.
- ¹⁶ Trigo, P., “Opción preferencial por los pobres: la causa de los pobres, la causa de Cristo”, em *Christus* 44, 1979, n. 524, p. 24-27.
- ¹⁷ Lorscheider. A., “A missão dos religiosos na inserção nos meios populares”, em *Convergência* 23, 1988, p. 122-127.
- ¹⁸ Instituto Histórico Centro-Americano de Manágua, *Sangue pelo povo. Martirologio latino-americano*, Petrópolis, Vozes, 1984.
- ¹⁹ Ellacuría, I., “Los pobres, lugar teológico en América Latina”, em *Diakonia* 6, 1982, n. 21. p. 41-57.
- ²⁰ Duquoc, C., «Une unique histoire», em *Recherches de Science Religieuse* 74, 1986, p. 201-215.
- ²¹ Boff, Cl., *Sinais dos tempos. Princípios de leitura*, São Paulo, Loyola, 1979.
- ²² Libanio, J.B., *Vida religiosa e testemunho público*, Rio de Janeiro, Conferência dos Religiosos do Brasil, 1971.
- ²³ Existe ampla literatura sobre ela. Cito um longo artigo que publiquei: Libanio, J. B., “La teologia contestuale della liberazione”, em Alberigo, G., Ruggieril, G., Rusconi, R. (dir), *Atlante del Cristianesimo, Collana Grandi Atlanti Tematici. Atlante del Cristianesimo. La Teologia Contestuale della Liberazione*, Torino, UTET, 2005, acessível em português no site www.jblibanio.com.br
- ²⁴ Comblin, J., “As estranhas acusações de Clodovis Boff”, em www.adital.com.br disponível no dia 29 de dezembro de 2008.

- ²⁵ Benedetti, L.R., “O ‘Novo Clero’: Arcaico ou moderno?”, em *REB* 59, 1999, p. 89.
- ²⁶ Cox, H., que no final da década de 60 trabalhara a secularização como fenômeno inundante, reconhece no final da década de 90 ter a paisagem mudado. Agora a inundação vem por parte do surto pentecostal: *Retour de Dieu: voyage en pays pentecotiste*, Paris, Desclée de Brouwer, 1995.
- ²⁷ Sagrada Congregação para Doutrina da Fé, *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*, Petrópolis, Vozes, 1984.
- ²⁸ Em discurso ao CELAM em Porto Príncipe, Haiti, a 9 de março de 1983, João Paulo II usa a expressão nova evangelização: O Vº centenário da evangelização é visto por ele como um compromisso “não de reevangelização, mas sim de uma evangelização nova. Nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão” [AAS 75, 1983, p. 778]. Bate na mesma tecla no discurso na República Dominicana (12/10/84: Osservatore Romano, ed. port. xv n. 776, 14.10.1984, p. 1, 2, 16), onde menciona as “múltiplas iniciativas de evangelização nova” que estão em curso na América Latina em continuidade com a primeira. Convida a celebrar o Vº Centenário “sem triunfalismo nem falsa modéstia”. Aponta como meios da nova evangelização a “catequese sistemática, que complete nos fiéis a evangelização recebida”. “Que ela desenvolva com mais vigor -como o das origens- um potencial de santidade, um grande impulso missionário, uma vasta criatividade catequética, uma manifestação fecunda de colegialidade e comunhão, um combate evangélico de dignificação do homem”. Volta ao tema no Uruguai retomando a tríade do “novo ardor”, “novidade do método” e “nova pela expressão” (9.05.1988: Osservatore Romano ed. port. xix, 15. 05. 1988).
- ²⁹ O jornalista Délcio Monteiro de Lima expõe a gênese do projeto da Lúmen 2000, que oferece suporte midiático para a “nova evangelização”. Iniciou-se em 1984. O supermilionário holandês Piet Derksen, o redentorista Tom Forrest, o milionário americano Bob Cavnar e outros organizaram audacioso plano de evangelização para cobrir o mundo inteiro por meio de uma super-rede de TV, com uso de satélites. Monteiro de Lima, D., *Enquanto o Diabo cochila*, Rio, Francisco Alves, 1990, p. 100ss.
- ³⁰ Teixeira, F. (Org.), *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo interreligioso*, São Paulo, Paulinas, 1993; id., “A interpelação do diálogo inter-religioso para a teologia”, em Susin, L. C. (org.), *Sarça ardente: teologia na América Latina – perspectivas*, São Paulo, Paulinas/Soter, 2000, p. 415-434; id., “Inculturação da fé e pluralismo religioso”, em Tavares, S. (org.), *Inculturação da fé*, Petrópolis, Vozes, 2001, p. 82-94.
- ³¹ <http://theology.georgetown.edu/Lec09/Amaladoss.pdf>.
- ³² O Documento de Trabalho do Iº Congresso Internacional da Vida Consagrada, organizado pela UISG e pela USG, reunido em Roma, de 23 a 27 de novembro de 2004, ao tratar dos aspectos da mentalidade pós-moderna, reconhece que “o sentido do provisório e a dificuldade cultural da estabilidade poderiam levar-nos também a estudar a possibilidade de formas de Vida Consagrada *ad tempus*, sem que isso implique deserção ou abandono”: Congresso Internacional da Vida Consagrada, *Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*, Rio/São Paulo, CRB/Paulinas, 2005, p. 44s.
- ³³ Forte, B., *A porta da beleza. Por uma estética teológica*, Aparecida, Idéias & Letras, 2006. Já Santo Agostinho trabalhara teologicamente a beleza. Noutra vertente, Santo Tomás também o fez. Entre os teólogos mais recentes, Hans U. Von

J. B. Libanio, SJ

Balthasar, ele mesmo um artista, desenvolveu uma estética teológica. O livro de Bruno Forte situa-nos nessa trajetória com recurso a poetas e a outros cultores da beleza.

